

C. W. GORTNER

Autor bestseller internacional de
A Vingança dos Tudor e Confissões de Catarina de Médicis

«Uma homenagem extraordinária
à mulher que se tornou um ícone
da alta-costura e cuja influência
permanece nos dias de hoje.»

Kirkus Reviews

Mademoiselle CHANEL

A mulher que criou um império

TOP
SEL
LER

Romance

PARIS

5 DE FEVEREIRO DE 1954

A carneirada junta-se lá em baixo. Consigo ouvi-los: os jornalistas, as impacientes celebridades e os críticos que receberam o convite gravado em relevo que lhes enviei. Ouço as suas vozes animadas, um burburinho que se esgueira pela escadaria espelhada até ao ateliê em desalinho, onde me encontro.

Ao meu redor, envoltas em nuvens de fumo de cigarro e do perfume da minha autoria, as 12 modelos exibem já as minhas novas criações. Pedi silêncio ao deitar-me no chão para verificar o comprimento das bainhas e cortar quaisquer linhas soltas. Não consigo pensar com elas a tagarelar, mas não há como as impedir. Puxam pelos cintos de joias que ornamentam os vestidos pretos, fazendo tilintar as pulseiras e os colares de pérolas; espelham a agitação que sinto, mas que não posso mostrar.

Ponho-me de pé, deixando a tesoura pender da respetiva fita, suspensa do meu pescoço. Sei o que especulam lá em baixo: irá ela ser capaz? *Conseguirá* fazê-lo? Tem 71 anos. Há 15 que não desenhava um vestido. Depois de ter caído tão baixo, como irá ser capaz de se erguer de novo?

Como?, de facto.

Nada disto é novo para mim. Já o enfrentei antes. A expectativa do fracasso, a ânsia da adulação — estes são os traços distintivos da minha vida. Acendo mais um cigarro e examino as modelos.

— Tu — digo a uma rapariga morena que me faz lembrar de mim naquela idade. — Demasiadas pulseiras. Tira uma.

Corada, a rapariga faz o que lhe peço; ao mesmo tempo, ouço o meu querido Boy sussurrar-me ao ouvido: «Lembra-te, Coco, és apenas uma mulher.»

Esqueço-me disso muitas vezes. Apenas uma mulher que tem de continuar a reinventar-se, se quiser sobreviver.

Vislumbro-me num dos espelhos do ateliê: a pele escura como a dos ciganos, os lábios vermelhos do batom, as sobrancelhas espessas, os olhos cintilantes, castanho-dourados, o corpo anguloso e de arestas vivas realçado pelo fato cor-de-rosa galonado. Nada resta da pele maleável da minha juventude. E as mãos, cobertas de anéis preciosos, estão esfoladas e ásperas como as de um pedreiro, nodosas, desfiguradas por milhentas picadas de agulha — as mãos da camponesa de Auvergne que sempre fui, no fundo, a enjeitada, a órfã. As minhas mãos refletem quem sou. Vejo nelas a luta que sempre existiu entre a rapariga humilde que fui em tempos e a lenda que criei deliberadamente para esconder o meu coração.

Quem é Coco Chanel?

— *Allez!* — grito. E as modelos alinham-se no cimo da escadaria que conduz à sala de visitas. Supervisionei este mesmo ritual tantas vezes, compondo uma manga no último minuto, ajustando a inclinação de um chapéu, a dobra de uma gola. Recuo ao mesmo tempo que faço sinal às modelos para avançarem. Não aparecerei até os aplausos terem esmorecido: *se* houver aplausos.

Já não tenho a certeza; não depois de todo este tempo.

Puxando os joelhos contra o peito, empoleiro-me no topo das escadas espelhadas — pouso os cigarros ao meu lado, silencio o tinir das minhas joias e torno-me uma espetadora oculta, solitária, como sempre fui. Enquanto contemplo o meu futuro incerto, refletirei sobre o passado e esforçar-me-ei ao máximo por contar a verdade, conquanto o mito e os rumores envolvam a minha pessoa, do mesmo modo que o *tweed* ou o crepe da China pelos quais sou conhecida. Tentarei recordar-me de que, não obstante todos os meus triunfos e erros, continuo a ser apenas uma mulher.

N.º 1

FILHA DE NINGUÉM

1895–1907

«NÃO LAMENTO TER SIDO
PROFUNDAMENTE INFELIZ
NO INÍCIO DA MINHA VIDA.»

N o dia em que a *maman* morreu, eu entretinha-me a alinhar as minhas bonecas no cemitério. Eram bonecas de pano e palha que eu fizera em criança e que, entretanto, exibiam um ar sujo e disforme, pois eu tinha quase 12 anos. Dei-lhes nomes diferentes em alturas distintas. Naquele dia eram as *Mesdames les Tantes*, assim batizadas em homenagem às mulheres vestidas de negro que, nas águas-furtadas onde residíamos, ali perto, viam a minha mãe exalar o seu último suspiro.

— Tu ficas aqui e tu aqui — decretei, forçando os seus pequenos corpos a sentarem-se sobre as lápides vacilantes e imaginando que dava ordens às *tantes*. O cemitério era o meu refúgio, uma parcela para os mortos na orla da aldeia onde a minha mãe me criara, a mim e aos meus irmãos, depois do *papa* nos ter deixado. Havíamos mudado tantas vezes, que não a sentia como um lar. O *papa*, vendedor ambulante, tinha por hábito desaparecer durante meses seguidos.

— Nasci para andar na estrada — alegava ele quando a *maman* o censurava. — Os Chaneles sempre foram viajantes. Há gerações que assim é. Esperas que mude o que me está na massa do sangue?

A *maman* suspirou.

— Não totalmente, mas agora somos casados, Albert, e temos cinco filhos.

O *papa* riu-se. Tinha uma gargalhada grave e sonora, e eu adorava escutá-la.

— As crianças adaptam-se. Eles não se importam que eu viaje. Não é assim, *ma Gabrielle*? — perguntou, virando-se para me piscar o olho. Eu era a sua preferida; ele próprio o dissera, erguendo-me nos seus braços fortes e espalhando a cinza do cigarro sobre as minhas tranças pretas. — *Gabrielle, mon petit chou*, minha couvezinha!

Pousou-me então e, dali a pouco tempo, ele e a *maman* já discutiam. A troca de palavras terminava inevitavelmente com ela a gritar: «Então, vai! Vai-te embora, como sempre fazes, e deixa-nos entregues à nossa miséria!». Eu tapava os ouvidos e nessas alturas odiava-a. Detestava as suas lágrimas, o modo como franzia a cara e cerrava os punhos ao ver o *papa* sair intempestivamente de casa. Receava que ele nunca mais regressasse, por causa dela. A minha mãe não percebia que ele partia porque tinha de o fazer; o amor dela era como fumo sem chama. Não o deixava respirar.

Eu ficava sempre à espera do *papa*, porém, da última vez que ele partiu, uma intriguista acabou por avistá-lo em Lorraine e a notícia chegou à nossa aldeia: Albert Chanel trabalhava numa taberna e fora visto com uma mulher, uma meretriz. Eu não sabia o que era uma meretriz, mas a *maman* sabia. O seu coração gelou. As suas lágrimas secaram. «Canalha», sussurrou ela.

Emalando os nossos poucos haveres, pegou em mim, nas minhas duas irmãs, a Julia e a Antoinette, e nos meus dois irmãos, o Alfonse e o Lucien, e levou-nos para Courpière, onde as suas três tias viúvas abanaram reprovadoramente a cabeça e disseram:

— Nós avisámos-te, Jeanne. Nós bem que te dissemos que ele não prestava. Nenhum homem presta. Que vais fazer agora? Como sustentarás este rancho que ele te deixou para criar?

— O *papa* vai voltar — gritei, fazendo retinir chávenas de chá lascadas. — Ele é bom. O *papa* ama-nos!

— Esta rapariga é uma selvagem — declararam as tias da *maman*, em unísono. — Tem o mau sangue dele. Nada de bom sairá dali também.

Tossindo e segurando um pano contra a boca, a *maman* mandou-me ir brincar para a rua. Emagrecia de dia para dia, desaparecendo

à vista de todos. Sabia que ela estava doente, mas não o queria admitir. Fulminei as tias com o olhar, virei-lhes as costas e saí de casa, como vira o *papa* fazer tantas vezes.

As *Mesdames les tantes* afastaram-se depois disso. No entanto, quando a tosse da *maman* piorou e ela deixou de poder trabalhar como auxiliar de costureira, as tias voltaram.

Assumiram o controlo, lançaram o seu pálio negro sobre tudo e enfiaram a *maman* na cama, da qual, afirmaram, ela jamais se levantaria.

— A *maman* vai morrer? — quis saber a minha irmã Julia.

Tinha 13 anos, era apenas um ano mais velha do que eu, mas vivia em permanente sobressalto por causa dos ventos que varriam a aldeia, do estrépito das carroças que nos salpicavam de lama as saias andrajosas e dos olhares desconfiados dos aldeões. Acima de tudo, a minha irmã receava a morte, pois o que seria de nós, sozinhas no mundo e entregues às *tantes* que haviam assistido, num silêncio desapiadado, ao definhamento da nossa mãe?

— Não, a *maman* não morrerá — garanti. Talvez se o afirmasse, isso se tornasse realidade.

— Mas ela está muito doente. Ouvi uma das *tantes* dizer que não lhe resta muito tempo de vida. Gabrielle, o que nos irá acontecer?

Senti um nó na garganta que teimava em não ir para baixo, como quando não havia mais nada para comer e a *maman* nos dava pão duro. Mandava-me à padaria com os míseros *centimes* que havia poupado, mas recomendava-me que não pedisse, pois ainda nos restava algum orgulho. Apesar disso, o pão que o padeiro me dava estava sempre seco e duro.

Aquela espécie de carço era assim. *Engole*, ordenei a mim mesma. *Tenho de o engolir*.

— A *maman* não vai morrer — repeti, mas a Julia deixou escapar um soluço quando olhou por cima do ombro para a nossa irmã Antoinette, de apenas 5 anos, arrancando alegremente ervas entre duas lápides.

— As *tantes* vão ver-se livres de nós — alegou ela —, vão mandar-nos para um orfanato, ou pior ainda, uma vez que o *papa* nunca mais voltará.

Pus-me de pé com um pulo. Era demasiado magra, como as *tantes* não se cansavam de censurar, uma miúda da rua que parecia nunca ter comido uma refeição completa: como se tal façanha fosse algo que a *maman* pudesse fazer aparecer como no milagre do pão e dos peixes. Agarrando numa das bonecas, abanei-a à frente da Julia.

— Não digas isso. Nunca! O *papa* vai voltar. Vais ver.

A Julia endireitou os seus ombros estreitos. Este inaudito gesto de provocação surpreendeu-me, uma vez que, embora ela fosse a mais velha, a *maman* sempre dissera que a Julia era demasiado tímida.

— Gabrielle, não é altura para fazer de conta — declarou ela, sombriamente.

Não é altura para fazer de conta...

As palavras da minha irmã ecoaram na minha cabeça ao mesmo tempo que regressávamos a casa, convocadas por uma das tias, aos gritos na janela das águas-furtadas.

Na saleta, as cortinas puídas estavam corridas e a mesa fora desocupada das ferramentas de trabalho da *maman*: os carrinhos de linhas, as agulhas e os moldes semicortados dos vestidos que ela fazia, mas que nunca teria dinheiro para usar. As tias haviam aí pousado o corpo da nossa mãe.

— O sofrimento dela cessou... Já não sente dor... A nossa pobre Jeanne está em paz. — Uma das tias fez-nos sinal com a sua garra. — Venham, meninas. Têm de se despedir da vossa mãe.

Estaquei na soleira da porta. Paralisada, vi a Julia avançar até à mesa e inclinar-se sobre a mesma, pousando os lábios sobre a boca arroxeadada da *maman*. A Antoinette desatou a choramingar. Ao canto, o Lucien, de 6 anos, batia com os seus soldadinhos de lata uns contra os outros, e o Alfonse, de 9, olhava fixamente, desnorteado.

— Gabrielle — chamaram as *tantes*. — Vem já aqui. — As suas vozes esvoaçavam ao meu redor, quais corvos, precipitando-se sobre mim e debicando-me. Observei o cadáver da minha mãe, com as mãos

entrelaçadas sobre o peito, os olhos fechados e as maçãs do rosto afundadas, com uma palidez de cera. Mesmo à distância, vê-la assim fez-me pensar que, quando as pessoas diziam que os mortos estavam em paz, mentiam.

Os mortos não sentiam. Desapareciam para sempre. Nunca mais veria a minha mãe. Ela não voltaria a afagar-me o cabelo, dizendo: «Gabrielle, porque não consegues manter as tranças arranjadas?». Não voltaria a entrar no nosso quarto à noite para ver se tínhamos frio, não tornaria a subir as escadas com os seus cestos e a distribuir doces pelos mais pequenos, para que a Julia e eu a pudéssemos ajudar com o seu trabalho. Nunca mais me voltaria a mostrar a diferença entre o ponto de bainha e o ponto de chuleio, a rir-se sempre que a Julia cosia o tecido da sua saia à peça de roupa que estava a remendar. A *maman* partira e nós estávamos ali sozinhas, com as tias e o cadáver dela, sem ninguém que nos consolasse.

Dei meia-volta e fugi. Ouvi as *tantes* gritarem por mim, batendo com as bengalas no chão. O Lucien juntou-se ao coro de lamentações da Antoinette, mas eu não olhei para trás. Não parei, voando escada abaixo e porta fora, correndo até me encontrar de novo no cemitério. Tomei de joelhos à frente da pedra tumular onde deixara as minhas bonecas. Queria chorar. Recusara-me a despedir da minha mãe, portanto tinha de chorar por ela, para que a *maman* soubesse que a tinha amado.

Não obstante, as lágrimas não apareceram. Pontapeando as bonecas para o lado, sentei-me encostada à lápide e esperei, fitando a rua empoeirada que atravessava a aldeia, enquanto anoitecia.

O meu pai viria. De certeza. Nunca nos abandonaria.

Três dias depois, o *papa* chegou e reunimo-nos na saleta, em volta da mesma mesa onde o corpo da *maman* repousara. Não havia comparecido ao funeral — «O meu trabalho... tive muito que fazer», explicou ele, ao ver as tias abanarem reprovadamente a cabeça —, mas o que importava era que estava ali agora. Agarrei-me à sua mão, inalando o odor do seu suor e do tabaco que fumava. Voltara para nós, tal como dissera. Tudo estava bem.

— Que pretende fazer agora? — cacarejaram as *tantes*. — Com uma esposa debaixo da terra e este rancho que ela lhe deixou para criar?

O *papa* ficou calado por um momento.

— Que sugerem, *mesdames*? — indagou. Dei um pulo na cadeira onde me encontrava, ao lado dele. — Trabalho numa taberna. Não há lá espaço para crianças — acrescentou.

— Uma taberna não é lugar para crianças, tenha ela espaço ou não — proclamou uma das tias. — Aubazine é o sítio mais indicado. Aí poderão aprender a sustentar-se a elas mesmas e a evitar o destino da mãe delas.

Vendo as faces da Julia perder a pouca cor que tinham, percebi que Aubazine devia ser um orfanato, ou pior do que isso.

— Mas... nós não somos órfãos — protestei, retirando prazer da expressão horrorizada das tias. Não queriam saber de nós. Desejavam ver-nos longe dali, mas o *papa* não consentiria em tal coisa. Mostrar-lhes-ia quanto estavam enganadas.

Virei-me para o meu pai.

— *Papa*, diga-lhes que temos de viver consigo. — Tentei ocultar o tom suplicante que escutei na minha voz.

O *papa* parecia não saber o que dizer. Murmurou então:

— Gabrielle, os adultos estão a falar. Tens de confiar que nós sabemos o que é melhor para vocês.

Nós? Olhei-o fixamente.

— Aubazine? — prosseguiu ele. Olhava por cima da minha cabeça, na direção das tias, alinhadas como as minhas bonecas no cemitério. — E acham que as freiras...

— Com certeza — responderam elas, com acenos determinados de cabeça. — É a missão delas. As irmãs sagradas de Aubazine dedicaram a sua vida a essa causa.

— Hum. — O resmoneio do *papa* gelou-me de medo. — E os rapazes?

— Há sempre famílias dispostas a acolher rapazes — disseram as tias, e eu agarrei a mão do meu pai, vendo a cruel determinação nos olhos das *tantes*.

— *Papa*, por favor — supliquei, obrigando-o a olhar para mim. — Nós não daremos trabalho nenhum. Dormimos sempre juntos, por isso, não precisamos de muito espaço. A Julia pode tomar conta da Antoinette e do Lucien, e o Alfonse e eu ajudamo-lo. Nós sempre ajudámos a *maman*. Eu ajudava-a com a costura e... e fazia recados para ela. Tenho muito jeito para isso. Posso trabalhar para si. Não seremos maçada nenhuma — repeti, acelerando o meu discurso ao ver uma indiferença no seu olhar que fez o meu coração bater mais depressa.

Afastou a mão. Não com brusquidão. Os seus dedos limitaram-se a desentrelaçar-se dos meus, quais pontos maldados. Era ao vazio que me agarrava. Dir-se-ia que tinha já partido, quando disse, quase num murmúrio:

— Não posso. Não há espaço.

Pôs-se de pé. Paralisada na minha cadeira, vi-o virar-se para a porta. Saltei para o chão e corri para ele, tentando novamente agarrar-lhe a mão e gritando:

— Por favor, não nos deixes!

Lançou um sorriso breve às tias ao mesmo tempo que evitava os meus dedos ávidos.

— *Mesdames*, tratarão de tudo, sim? A roupa necessária e o que for preciso.

As tias anuíram com um aceno de cabeça. Por fim, o meu pai olhou para mim.

— *Mon petit chou* — murmurou, e despenteou-me o cabelo antes de sair. Colada ao chão, escutei os seus passos desvanecerem-se nos degraus. Atrás de mim, uma das tias ralhou.

— Não tem vergonha. Desafiadora até ao fim.

Não esperei. Antes que pudessem abater-se sobre mim e agarrar-me, corri atrás do *papa*. No entanto, chegada à rua, não o vi em parte nenhuma. Virei-me para um lado e para o outro, procurando a sua silhueta, de chapéu na cabeça, afastando-se.

Desaparecera, como se nunca tivesse ali estado sequer. O mundo escureceu à minha volta. Um frio repentino tomou conta de mim. Naquele momento, dei-me conta de que a Julia tinha razão.

A altura para fazer de conta terminara.



As *tantes* não me deixaram ir procurá-lo, descendo as escadas para me arrastarem de volta às águas-furtadas, debatendo-me e pontapeando. Trancaram a porta e ordenaram-nos que reuníssemos os nossos pertences. Foram buscar a mala de pano esfarrapado que tantas vezes usáramos e abriram-na em cima da cama.

— Eu daqui não saio — disse-lhes. — Odeio-vos. A minha mãe está morta por causa de vocês. Foram vocês que a mataram.

A Julia sussurrou:

— Gabrielle, para com isso. — Mas eu continuei a fulminar as tias com o meu olhar, até que uma delas ameaçou:

— Se não obedeceres, damos-te ao trapeiro. Gostarias de passar os teus dias a separar lixo? Disseste ao teu pai que sabias trabalhar. Então, vá! Trabalha!

Os meus irmãos encolheram-se a um canto. A Julia puxou-me pelo braço.

— Gabrielle — implorou ela —, por favor. Vamos fazer as malas. É num instante.

Virando as costas às tias, reunidas à volta da mesa, juntei as poucas peças de roupa que tinha, cerzidas e remendadas pela *maman* para que durassem mais tempo.

Na manhã seguinte, um desconhecido bateu-nos à porta. Era um homem idoso com uma boina e um cigarro preso entre os dentes. Mal tivemos tempo de nos despedir do Alfonse e do Lucien e já as tias

nos empurravam para a carroça do homem, que nos mandou sentar em cima de umas sacas duras de serapilheira, na parte de trás.

— Aí quietinhas! — ordenou.

Vi uma das tias tirar moedas de uma carteira para a mão do homem. Era uma pequena carteira de tapeçaria que reconheci como sendo da minha mãe.

O homem fez estalar o chicote sobre o dorso da escanzelada mula e a carroça deu um solavanco e avançou. A Julia segurou a Antoinette contra si ao mesmo tempo que o homem conduzia a carroça em direção à esburacada estrada de montanha. O que restava da minha coragem definhou. Por fim, perto do final do dia, a carroça virou para um caminho de terra batida, findo o qual nos deparámos com um enorme portão de madeira rodeado por dois muros altos.

Mal reparei na torre de pedra ou no círculo formado pelos edifícios, tão alarmada fiquei pela visão de um bando de mulheres de hábito negro e touca branca. Enquanto o homem descarregava as sacas de farinha, as freiras levaram-nos para dentro, separando-nos no pátio. A Julia e eu fomos conduzidas a uma ala, ao passo que a Antoinette seguiu para outra. Era ainda uma criança, disseram as freiras, pelo que tinha de viver com as outras crianças.

A Julia estava pálida de exaustão.

— O nosso lugar não é aqui — comentei com a minha irmã, e uma das freiras que nos acompanhava virou-se para mim e murmurou:

— Num mundo perfeito, nenhuma criança devia aqui estar. Porém, é aqui que estão e, com o passar do tempo, acabarão por se habituar.

Levou-nos a um dormitório onde uma centena de rostos semelhantes aos nossos se virou para nos observar. Cerrei os punhos.

— É apenas por um tempo — anunciei, embora ninguém me tivesse perguntado nada. — O nosso *papa* virá buscar-nos, hão de ver.

A Julia silenciou-me:

— Gabrielle, para de dizer isso.

Quando as velas foram apagadas e a enorme divisão ressoou com os roncos e suspiros dos restantes residentes, chorei, escondendo

a cabeça debaixo da almofada para que ninguém me ouvisse. Durante o dia, para onde quer que me virasse, só via preto e branco e alguns tons de permeio: o negro dos hábitos das freiras, que pareciam deslizar pelo ar, e dos nossos uniformes, simples e resistentes. O branco engomado dos lençóis e toalhas, empilhados em armários ou esticados nas nossas estreitas camas, cintilando como halos nos toucados das freiras; e todos os tons de cinzento, na luz refletida no chão de lajes e nas vozes monótonas das freiras encarregadas de olhar por nós.

Fui infelicíssima naquelas primeiras semanas. Sentia a falta dos meus irmãos, tinha saudades da *maman*. Havia sido uma vida aos tropeções, mas, ainda assim, ansiava por ela.

— Estamos em segurança — afirmou a Julia, certa noite. — Não vê? Aqui não poderá acontecer-nos nada de mal.

Eu não queria ver. Não o podia aceitar, pois, se o fizesse, tal queria dizer que, de facto, o nosso pai nunca mais voltaria. Significaria que ele nos abandonara.

— É horrível — respondi. — Detesto isto.

— Não detestas, não. — A Julia esticou o braço por cima do espaço que dividia as nossas camas e apertou-me a mão. — Não estamos melhor aqui? Que iríamos fazer, sozinhas no mundo, sem ninguém que tomasse conta de nós? — Virei-lhe as costas. — Ao menos, tenta — ouvi-a dizer. — És a mais forte de nós. A *maman* dizia sempre que confiava em ti. Promete-me que te esforçarás, Gabrielle. A Antoinette e eu precisamos de ti.

Amava as minhas irmãs, por isso fiz o que a Julia me pediu. Nas semanas que se seguiram, esforcei-me ao máximo por sorrir e mostrar-me atenta e solícita, despertando antes do amanhecer, ao tanger dos sinos, para trepar a escadaria íngreme, atravessar o caminho de seixos e alcançar a capela onde se cantava à hora de Prima. Depois éramos levadas para o refeitório onde tomávamos o pequeno-almoço. Seguiam-se as aulas e o almoço. A tarde era ocupada com várias tarefas, culminando com as vésperas e o jantar, a seguir ao qual rumávamos ao dormitório. Todos os dias eram iguais. Nunca se passava nada de emocionante, mas, com o passar do tempo, percebi que

também nada de mal acontecia. Não havia tias para nos censurar, senhorios que batessem à porta a exigir a renda atrasada. De súbito, pela primeira vez na vida, sabia onde era suposto estar e o que se esperava de mim. Tinha uma rotina, imutável e monótona, mas também surpreendentemente tranquilizadora.

E à medida que as semanas se transformaram em meses, sem que me desse conta, Aubazine tornou-se o meu lar.

Nunca vivera num lugar onde a limpeza reinasse como ali: na pureza adstringente do sabão com que tomávamos banho todas as manhãs, nos ramos de alecrim que perfumavam os lençóis e as toalhas e na água de cal com que esfregávamos os claustros. Não se viam ratos a fugir para trás das paredes a descascar-se, não havia cabelos infestados de piolhos, lençóis cobertos de pulgas ou sujidade que entrasse por janelas partidas ou frinchas nas portas. Em Aubazine, a vida podia ser rotineira, regulada e previsível, mas ao menos era prístina.

O que mais me maravilhava era quanto podíamos comer. Havia três refeições por dia — papas de aveia quentes e sopa, queijo de cabra e pão acabado de sair dos fornos; fruta e legumes da horta; presunto e galinhas assadas e, no Natal, pudim de passas. Não me fartava da comida; tive de aprender a disfarçar a fome do mesmo modo que disfarçava o meu descontentamento, esquivando-me a ofertas de amizade e mantendo-me fiel à Julia, que dizia: «Vês? Estamos bem aqui.»

Estávamos *bem*, de facto, por mais que não quisesse admiti-lo, mas era também difícil. Por termos mudado de casa tantas vezes, a nossa educação ressentira-se. Descobri que não tinha qualquer aptidão para a escola, ao contrário da Julia, que enchia os seus cadernos com letras tão bem desenhadas que faziam as minhas parecer rabiscos. A freira que supervisionava as nossas aulas, a irmã Bernadette, obrigava-me a ficar mais uma hora na sala de aulas, todos os dias. De nada servia, era como se a minha mão tivesse dedos a mais.

— Tens de te aplicar, Gabrielle — dizia a irmã Bernadette. — Não gostas de escrever, por isso não te esforças. É importante que tentemos, sempre, caso contrário, nunca seremos bem-sucedidos.

Esforça-te, tenta, parecia ser a única coisa que toda a gente me dizia; e isso inquietava-me, porque passara de ser a mais forte, como a Julia alegava, a alguém que, dir-se-ia, não era boa em nada.

Ler, contudo, extasiava-me. Tendo dominado e superado as fábulas infantis, comecei a visitar a biblioteca do convento, vasculhando os vários tomos. Os livros conduziam-me a lugares inimagináveis, por isso devorava todos os que podia, desde lamentações de santos a relatos de heróis e mitos. Passei até a gostar da procissão bidiária à capela, pois os desenhos formados pelos seixos ao longo do caminho fascinavam-me: símbolos obscuros relacionados com o convento, tal como a estrela de cinco pontas. Contudo, à semelhança das aulas, a oração era para mim uma tortura.

Fechando os olhos, tentava em lugar disso falar com Deus. Perguntava-lhe se o *papa* nos viria buscar e se tornaria a ver os meus irmãos. Queria senti-Lo. As freiras não se cansavam de repetir que Deus nos ouvia quando rezávamos. Não obstante, eu nunca sentia nada, além da madeira dura do genuflexório. Por mais que tentasse, apenas escutava a minha própria voz, ecoando dentro de mim. Espreitava em redor, para as outras raparigas, com os rostos erguidos para o céu, enlevadas. A Julia parecia transportada para um outro lugar, como se Deus falasse diretamente com ela.

Por que razão não sentia eu o mesmo consolo? Porque ignorava Deus as minhas orações?

Procurei uma forma de provar o meu valor. Percebi que, no seu mundo ordeiro, as freiras valorizavam as raparigas que se aplicavam com um mínimo de agitação ou espalhafato, sobretudo as que conseguiam estar sentadas e quietas durante horas bordando monogramas nos enxovais de outras mulheres. As irmãs de Aubazine eram excelentes costureiras, sendo pagas pelos seus trabalhos. Era esse dinheiro que ajudava a financiar o orfanato.

Quantas e quantas vezes a agulha mergulhava e emergia do tecido! Imaginava montanhas de peças amontoando-se até às vigas: lençóis e fronhas, meias e bibes, saiotes e babeiros. Como podiam as pessoas precisar de tanta coisa? O certo era que a procura nunca

cessava, como água correndo sobre uma azenha. Deixei de sentir os dedos calejados e as picadelas da agulha, dedicando-me a cada nova tarefa, todos os dias, com uma ferocidade que a irmã Bernadette desejava que eu demonstrasse também nas aulas. Só ali me conseguia distinguir. A *maman* dissera muitas vezes que eu tinha uma mão segura para a costura.

Um dia foi-me dado um lençol inteiro para debruar. No final do dia, a irmã Thérèse, que supervisionava a sala de trabalho, percorria os vários corredores, inspecionando o nosso trabalho. Deteve-se junto a mim e pegou no meu lençol.

— Que pontos tão perfeitos. Quem te ensinou a coser assim, Gabrielle?

— A minha mãe. Era costureira. Eu às vezes ajudava-a.

— Estou a ver que sim. És muito habilidosa. Que idade tens?

— Quase 14, irmã. — As palavras que pronunciei sobressaltaram-me. Como é que os últimos dois anos haviam passado tão depressa?

A irmã Thérèse pegou-me nas mãos e examinou-as.

— Tens mãos pequenas. Perfeitas para coser. — Sorriu para mim. — Se continuares a aperfeiçoar-te, um dia poderás ser assistente de um comerciante de sedas ou talvez mesmo costureira, proprietária da tua própria loja. Gostavas disso?

Nunca pensara em semelhante coisa. Para mim, ser costureira equivalia a enfrentar o mesmo tipo de vida que a minha mãe, remendando as roupas de outras pessoas e executando um trabalho sem valor que não rendia o suficiente. Há dois anos que desfrutava de comida decente todos os dias, por isso, não pretendia passar fome de novo. Contudo, ter a minha própria loja...

— Sim, irmã — respondi, em voz baixa. — Acho que gostaria muito disso.

— Ótimo. Da próxima vez, dou-te um lenço para bordares. Uma boa costureira deve ser competente em todos os ramos do seu ofício. — Lançou-me um olhar sério. — Isso inclui a gramática e a matemática também, portanto, espero que estejas atenta às lições da irmã Bernadette.

Quando ela avançou, respirei de alívio. Se a irmã Thérèse achava que eu seria capaz de desbravar o meu próprio caminho, então, talvez fosse mesmo.

Fiquei ainda mais determinada em fazê-lo ao ver a irmã abanar a cabeça perante a fronha que a Julia estivera a coser. A minha irmã podia saber escrever sem erros, mas aquelas mãos, tão destrosas com uma caneta, revelavam-se desastradas com uma agulha. Ao mesmo tempo que a Julia me lançava um olhar desanimado, a Marie-Claire, de cabelos louros encaracolados, que partilhava o nosso dormitório e era uma das preferidas das freiras (sempre muito educada à frente delas, mas ridicularizando-as pelas costas), murmurou numa voz sibilante, dirigindo-se a mim: «Esse ponto no teu lençol está desnivelado. Nunca serás costureira. Nunca serás ninguém.»

A Marie-Claire estava ofendida comigo porque eu recusava juntar-me ao seu círculo de admiradoras e, em troca, eu detestava-a porque ela atormentava a Julia impiedosamente. Tentara proteger a minha irmã, mas a inveja das outras raparigas aumentava ao mesmo ritmo que as ancas da Julia alargavam e os seus seios cresciam (ao contrário de mim, que continuava lisa como uma tábua). Enquanto a Antoinette vivia na ala das crianças, aos 15 anos, a Julia era praticamente uma mulher, e as suas bonitas feições e o seu ar tímido tornavam-na um alvo. A Marie-Claire e as amigas enfiavam os panos usados para absorver a menstruação nos sapatos dela e dançavam à sua volta, cantarolando que ela sangrava, até que eu aparecia e as enxotava, ameaçando partir-lhes os dentes.

Examinei o ponto que a Marie-Claire havia mencionado. A fúria toldou-me a sensatez ao constatar que ela tinha razão; o ponto estava desacetado. De súbito, a minha vontade foi pegar na tesoura e desfazer o lençol em pedaços, mas, em lugar disso, inclinei-me para ela e disse:

— Sei o que fazes à noite, debaixo dos lençóis. Quando cresceres, serás uma meretriz. Terão de te exorcizar, como aconteceu com as freiras de Loudon.

Se bem que continuasse sem saber o que era uma meretriz, ler ensinara-me que devia ser uma coisa feia, e a expressão horrorizada e ruborizada da Marie-Claire confirmou as minhas suspeitas. Fiz um sorriso presunçoso.

A Marie-Claire não perdeu tempo a fazer queixa de mim à irmã Thérèse:

— A Gabrielle Chanel é uma bruta. Diz que estou possuída e chamou-me meretriz.

— Gabrielle! — exclamou a irmã Thérèse, e acompanhou-me ao gabinete da abadessa.

— É verdade o que me chegou aos ouvidos? — indagou a madre abadessa, uma mulher roliça com um cinto carregado de chaves.

— É, sim, madre superiora — respondi, ocorrendo-me que, tendo tão recentemente descoberto um objetivo de vida, estava prestes a ser expulsa pelo meu rancor e malvadez.

— Bem, uma senhora decente não usa palavras dessas. Onde as aprendeste?

— Na biblioteca, madre. Eu... eu gosto de ler.

— Ler? — repetiu a abadessa. Não lhe passava pela cabeça que fosse naquele momento capaz de recitar as façanhas de Carlos Magno e a história do convento desde a sua fundação, por Étienne, o *Penitente*, até à profanação do mesmo, aquando da Revolução Francesa, e eu também não queria vangloriar-me, pois também isso seria indecoroso. — Lês com frequência, minha filha? — perguntou, num tom indecifrável. Não consegui perceber se o objetivo da madre era encorajar-me ou armar-me uma cilada.

Baixei os olhos. Não podia dizer a verdade, não podia confessar que ler era o meu escape, uma vez que não fora para ali por vontade própria.

— Apenas com o intuito de reforçar a minha fé — murmurei, por fim.

— Compreendo. — O alívio que a abadessa sentiu suavizou-lhe o tom. — Procurar a verdade divina é louvável, desde que não conduza à tentação. Não pode haver lugar para a aspiração no coração de

uma rapariga humilde. Temos de aprender a submeter-nos sempre à vontade do Todo-Poderoso.

As palavras da madre eram como duas mãos em redor do meu pescoço, sufocando-me. Se aspirar a algo era um pecado, significava isso que estava já condenada? Afinal de contas, rezara para encontrar uma atividade na qual me destacasse pelo mérito.

A abadessa dispensou-me.

— Daqui em diante, o teu acesso à biblioteca será restringido. Lê menos e reza mais. E não quero mais conversas sobre o Diabo, entendido? — acrescentou ela, ao mesmo tempo que me virava para a porta. — Assustas as outras raparigas. Deves treinar a moderação. Quer-me parecer que *pensas* demasiado, Gabrielle. Tens de aprender a aceitar.

Era o mesmo que pedir-me que laçasse a Lua com o meu rosário. Não obstante, a partir desse dia esforcei-me por parecer contrita. As restrições eram muitas vezes levantadas após um certo período de tempo e a bafienta irmã Geneviève, que tomava conta da biblioteca, dormitava sempre depois do almoço, sentada no seu banco. Nunca me ouvia passar por ela, em bicos dos pés, com um livro escondido por baixo do bibe. Lia escondida aos cantos, quando as minhas companheiras estavam no pátio, saltando à corda. Lia à noite, debaixo dos lençóis, à luz de um coto de vela que poderia ter incendiado todo o dormitório. Lia na missa, fingindo que o livro era um hinário e arriscando dessa forma a minha alma imortal. As outras raparigas sabiam, mas nenhuma se atrevia a denunciar-me. Sabiam o que eu dissera à Marie-Claire. Também elas tinham segredos.

Bastava-me estar atenta para os encontrar.

Como teste, a irmã Thérèse deu-me um lenço para bordar, mostrando-me num livro um padrão composto por flores de camélia.

— Quero que bordes isto em redor das extremidades. Achas que és capaz?

Respondi que sim com a cabeça, estudando o desenho até o memorizar. Ignorando os olhares fixos e intermitentes da Marie-Claire

ao mesmo tempo que fazia a bainha de uma bata, enfiei uma agulha e comecei a bordar o desenho no linho. Era um trabalho meticuloso. Apenas bordara para a minha mãe um punhado de vezes, sobretudo motivos fáceis, em redor dos punhos de camisas. Aquele padrão era intrincado e tinha cantos arredondados que exigiam grande precisão. Cometi vários erros que tive de desfazer; ao levantar os olhos, deparei-me com o sorriso desdenhoso da Marie-Claire. Cerrei os dentes. Iria terminar o bordado, nem que isso me matasse, só para depois o poder esfregar na cara dela. Mal terminei a primeira camélia e a irmã Thérèse veio ver como me estava a correr — «Excelente, Gabrielle, está maravilhoso» —, esqueci a Marie-Claire e toda a gente. A sala de trabalho, com o seu teto de vigas e paredes de gesso branco, com o enorme crucifixo por cima da porta e as filas de mesas em redor das quais as raparigas se curvavam, desapareceu. Era apenas eu e a minha agulha, criando camélias como que por magia. Quando levantei a cabeça, aturdida, descobri que não havia mais ninguém na sala.

Ao pôr-me de pé, dorida e perra, a irmã Thérèse levantou-se de um banco ao canto da divisão. Flutuou até mim, as bainhas da sua saia congregando sombras ao seu redor.

— Terminaste? — perguntou ela, e eu disse que sim, subitamente consciente de que esquecera tudo menos o que tinha à minha frente, faltando às minhas orações e, ao que parecia, ao jantar também. Só faltava a freira dizer-me que falhara igualmente naquele teste.

A irmã pegou no lenço, virando-o para verificar os minúsculos nós de linha, e examinou o padrão antes de anunciar:

— Perfeito. — E, para meu enorme espanto, havia lágrimas nos seus olhos. — Simplesmente perfeito, minha filha. Nunca aqui tive uma rapariga que bordasse como tu.

Não sabia o que dizer. Os encómios da irmã eram tão inesperados que me limitei a olhar para o lenço nas mãos dela e a tartamudear:

— Não... não foi difícil... Foi só perceber o que tinha de fazer.

— Não foi difícil? É um dos padrões mais complicados que consegui encontrar! A camélia é um símbolo da nossa ordem e cresce nos nossos jardins, mas poucas pessoas conseguem reproduzi-la desta maneira. — Fez uma pausa. Quando voltou a falar, fê-lo tão suavemente que quase não a ouvi: — Deus fala contigo?

Entreolhámo-nos. Ali estava, finalmente, a minha oportunidade, a minha hipótese de conquistar uma recompensa valiosa. Se mentisse, podia tornar-me uma noviça, e depois freira, enclausurada e segura para sempre. Todavia, a expressão da irmã Thérèse revelava uma ansiedade tal que não fui capaz de a enganar.

Sem abrir a boca, abanei a cabeça.

Ela suspirou.

— Não é um castigo. Deus ama cada um de nós. Não pode pedir a todos que O sirvam. Também precisa de nós no mundo temporal.

Levantando os olhos, sussurrei:

— Tenho medo.

Nunca o admitira perante ninguém, nem sequer o confessara à minha irmã Julia. O medo tornara-se meu inimigo, pois podia criar raízes dentro de mim para sempre.

A irmã Thérèse sorriu.

— Não precisas de ter. Não sabes que continuaremos a olhar por vocês mesmo depois de nos terem deixado? As mais promissoras de entre vocês serão enviadas para outros conventos quando fizerem 18 anos, para aperfeiçoarem as vossas capacidades na esperança de que possam encontrar trabalho como aprendizes. É o nosso dever. Não queremos que as nossas raparigas se percam.

— A sério? — indaguei, hesitante.

Ela anuiu, acenando com a cabeça.

— Faremos tudo o que pudermos. O meu coração diz-me que não tens nada a temer. Um talento como o teu pode salvar-te, minha filha. Deus ama-te de verdade, Gabrielle. Nunca duvides disso.

IV

Aos domingos à tarde, tanto na primavera como no verão, os portões destrancavam-se e era-nos concedida permissão para passear pelo campo. Nunca compreendera por que razão vivíamos enclausuradas. Não havia para onde fugir; Aubazine estava rodeada de florestas e montanhas. Tendo como únicos pertences apenas dois pares de sapatos e meias, dois camiseiros, um capote, luvas e barrete de lã, e um único uniforme que usávamos até ao limite, para onde poderíamos ir?

Não obstante, as raparigas aguardavam ansiosamente o destrancar cerimonial dos portões. O barulho tornava-se então ensurdecador, com gritos histéricos por parte das raparigas, correndo para o cume sobranceiro ao vale, que nem as admoestações das freiras conseguiam reprimir. Abriam-se os cestos do piquenique, o pão e o queijo passava de mão em mão e até as freiras se sentavam, inclinando os seus rostos piedosos para o sol.

Foi durante um destes passeios, em finais de julho, pouco antes do meu décimo oitavo aniversário, que a Julia me disse, de repente:

— Irás partir em breve.

Olhei para ela. Estávamos sentadas na margem do Corioux, que alimentava o lago dos peixes que havia no convento, com os pés descalços mergulhados nas águas que então corriam apressadas. Era uma das raras ocasiões em que nos permitiam descalçar meias e sapatos.

— O meu aniversário é só em agosto. E se tu ainda não foste, eu também não partirei tão cedo. — Interrogava-me por que razão a minha irmã continuava em Aubazine.

A Julia completara 18 anos em setembro e ambas esperávamos com nervosismo o dia em que a abadessa a chamaria. Porém, esse dia parecia tardar em chegar.

— Decidiste tomar os votos? — acrescentei, sem saber muito bem como reagiria se ela me dissesse que sim.

A Julia parecia resignada a passar o resto dos seus dias em Aubazine, mas desde a conversa que tivera com a irmã Thérèse, a minha curiosidade em relação à vida para lá dos muros do convento aumentara. O facto de me ter encorajado em relação ao meu talento para a costura dera-me confiança e, conquanto o futuro incerto ainda me preocupasse, começava a antecipar o dia em que por fim iniciaria essa jornada.

A Julia suspirou.

— Quem me dera poder. — Calou-se. — E tu? A irmã Thérèse está sempre a elogiar o teu trabalho. Até a irmã Bernadette parece exigir menos de ti.

— A irmã Bernadette desistiu de mim. Já se resignou que a gramática e a caligrafia não são para mim.

— Não me respondeste, Gabrielle.

Olhei-a nos olhos.

— Não — afirmei. — Também não sinto qualquer vocação. Não é para mim. — Preparava-me para lhe contar o que a irmã Thérèse me dissera. Por uma qualquer razão que nem eu mesma compreendia, não partilhara com ela a certeza da freira de que poderia singrar na vida; percebi então porque o fizera quando a Julia disse:

— As irmãs não sabem o que fazer comigo. Não sou boa na costura, portanto, para onde hei de ir? Se me deixassem sair agora...

— A sua voz perdeu-se. Pelos vistos, tal como eu, o futuro também era uma ralação para a minha irmã. — Já tu... — continuou ela, com um pequeno sorriso. — Tu podes fazer qualquer coisa. Tens um dom.

Desatei a rir. O som das minhas gargalhadas surpreendeu-me quase tanto como à Julia. Roucas e ásperas, assemelhavam-se às do meu pai, demasiado sonoras e grosseiras para terem emergido do meu estreito e magro peito. Tal como as freiras, não ria com facilidade.

— Sinceramente, Julia, onde é que foste buscar essa ideia? Só porque sei coser uma bainha e bordar um desenho, isso não prova nada.

— Claro que prova — afirmou ela, taxativamente, como no cemitério, no dia em que a nossa mãe morrera. — Podes não vê-lo ainda, ou talvez não o queiras ver, mas a irmã Thérèse não tem dúvidas acerca disso, nem tão-pouco a madre superiora.

— Ora! — Abanei os dedos dos pés; começavam a gelar, mas ainda não os queria tirar da água. — A madre superiora não me deixa usar a biblioteca. Prescreveu-me horas extras de oração e mandou-me memorizar as Epístolas. A última coisa que ela acha é que eu tenho um dom. — Dei por mim sustendo a respiração, à espera da resposta dela. A irmã Thérèse havia dito que eu era mais talentosa do que qualquer rapariga que ela ensinara. Seria isso o mesmo que possuir um dom?

A Julia disse:

— A abadessa apenas te põe à prova porque sabe que és diferente. Sabe que questionas tudo. E sabe também que ainda desvias livros da biblioteca.

— Não sabe nada!

A minha irmã arqueou as sobrancelhas.

— A irmã Geneviève não é cega. Toda a gente sabe que aproveitas cada minuto de tempo livre que tens para ler. Aquela vela que acendes debaixo dos lençóis não é invisível, nem tão-pouco a espécie de tenda que armas com os lençóis e os joelhos para tentar esconder o que fazes.

— Bem, pelo menos não faço o mesmo que a Marie-Claire — resmunguei.

A Julia tornou a suspirar.

— Hão de enviar-te para outro convento e depois arranjam-te um trabalho. Não acabarás como a *maman*. Ou como eu.

Agarrei-lhe a mão.

— Aconteça o que acontecer, nunca te abandonarei, nem à Antoinette. Se não sentes vocação para freira, então arranjam-te outra coisa para fazeres. E não podes deixar que a Marie-Claire ou as suas amigas te destratem. Apenas o fazem porque acham que és fraca.

A Julia olhou para as nossas mãos entrelaçadas.

— Eu sou fraca. Não sou como tu, Gabrielle.

— Nesse caso, tens de aprender a ser. Toda a gente se aproveita de quem não é forte.

As freiras chamaram-nos. Estava na hora de voltarmos. Com as saias amarrotadas, de terem estado sentadas nas pedras, as raparigas dirigiam-se às freiras. A Julia e eu pegámos nos sapatos e nas meias e descemos a colina para nos juntarmos a elas.

Durante o percurso de regresso ao convento, disse-lhe:

— Não sei se tenho um dom ou não, mas sei que farei tudo o que puder para nos manter em segurança.

— Sim — respondeu ela, sem olhar para mim. — Não tenho dúvidas de que te esforçarás.

O dia do meu décimo oitavo aniversário amanheceu igual a outro qualquer: o dobrar dos sinos que nos despertava, a sonolenta procissão até à capela, o quebrar do jejum, a debandada para as lições e as variadas tarefas. Sentada a bordar uma fronha de almofada, não parava de relancear o olhar na direção da porta, aguardando a convocatória da abadessa. Estava tão distraída, que mal prestava atenção ao trabalho, até que a irmã Thérèse me admoestou:

— Gabrielle, que se passa contigo? Olha para isso. Não parece nada teu.

Olhando para o tecido que tinha nas mãos, deparei-me com um emaranhado de fios e nós.

— Desmancha e começa de novo — ordenou a irmã Thérèse. — Vamos!

Desde o meu êxito com o lenço, raramente cometia erros. Quando isso acontecia, ninguém era mais duro comigo do que eu mesma, e a minha compulsão pela perfeição mantinha-me fiel ao trabalho até ser bem-sucedida; todavia, de repente, já não suportava coser.

— Não me sinto bem — aleguei. — As papas de aveia não me caíram muito bem esta manhã. Posso ir à casa de banho?

— Vai lá, mas despacha-te — disse a irmã Thérèse, dispensando-me.

Correndo para o corredor, puxei pelo colarinho do uniforme, alargando-o. Sentia falta de ar. Chegada ao claustro, abrandei o passo. Percorrera inúmeras vezes aquelas passagens labirínticas que rodeavam a fonte no centro do claustro. O perfume das camélias brancas que cresciam no jardim inundava o ar. Tudo ali me era tão familiar como o meu próprio corpo, desde as vigas do teto, às paredes e aos mosaicos no chão, que de tão pisados ao longo de tantas centenas de anos eram quase indiscerníveis.

Por uma razão inexplicável, naquele dia detive-me a contemplá-los, tentando entender o padrão, como se tal pudesse abrandar o alívio e desapontamento simultâneos que pelejavam dentro de mim. A abadessa decidira que eu não estava pronta. Tal como acontecera com a Julia, pretendia reter-me ali até eu decidir tomar os votos ou ter idade suficiente para ser expulsa.

— Representam o número cinco.

Dei meia-volta, sobressaltada, ao constatar que não me encontrava sozinha.

— Não sabias? — continuou a madre superiora, num tom sarcónico. — Pensei que já tivesses lido tudo o que havia na biblioteca e estivesses perfeitamente consciente do significado desses padrões.

Rodei a cabeça para olhar de novo para os mosaicos.

— Cinco? — Reparei então na repetição: as mesmas cinco figuras ou estrelas de cinco pontas, duplicadas uma e outra vez. — Porquê esse algarismo?

— Se tivesses prestado a mesma atenção ao catecismo que prestas a outros assuntos, saberias que é o nosso número mais sagrado,

a encarnação perfeita da criação divina: vento, terra, fogo, água e, acima de tudo, espírito. Tudo o que vemos à nossa volta contém estes cinco elementos. O cinco é o número mais sagrado no firmamento. — Fez-me sinal. — Acompanha-me. Mandeí chamar-te à sala de costura, mas a irmã Thérèse disse que não te sentias bem.

Não perguntou a causa do meu desconforto. Seguindo-a, em silêncio, o meu coração batia com tanta força que tive de me coibir de levar a mão ao peito para o acalmar.

No seu gabinete, convidou-me a sentar num banco à frente da sua secretária. Mal me acomodei, ela deslocou-se até à janela. Durante um longo momento não falou e comecei a recear que ela fosse confrontar-me com a minha reiterada desobediência, ordenando-me que nunca mais voltasse a entrar na biblioteca. Pronunciou-se então:

— Tenho boas notícias. Apesar de poderes duvidar da Sua paixão, Deus achou por bem apiedar-se de ti e das tuas irmãs.

Queria que eu professasse. Decidira a minha vida por mim. De súbito, a divisão pareceu tornar-se mais pequena. Estava grata pelos cuidados que as freiras me haviam dedicado, pela estabilidade e refúgio que o convento me proporcionara e pela oportunidade de me descobrir que me concedera. Também havia aceitado que o meu pai nunca viria buscar-nos, nem jamais tencionara fazê-lo. Contudo, tinha de garantir o sustento das minhas irmãs e isso não seria possível se me tornasse freira.

A abadessa virou as costas à janela.

— Escrevi à tua família. Demorei algum tempo a localizá-la, mas responderam-me dizendo que estão dispostos a receber-vos.

— Família? — indaguei. — Mas eu não tenho família, madre.

Falava a sério. Porquanto já não esperasse nada do meu pai, não esquecera o modo como as tias da minha mãe haviam corrido connosco, para longe da vista e do coração, quais fardos pelos quais ninguém queria assumir responsabilidade.

— Tens, sim. — Pegou num papel que tinha em cima da secretária. — A irmã do teu pai, *Madame* Louise Costier, escreveu-me a dizer que pode colocar-te a ti e à Julia, em conjunto com a sua irmã

mais nova, Adrienne, no Convento de Saint Augustine, em Moulins, perto de onde a família reside. Podem passar as férias com eles e, se tudo correr bem, iniciar uma aprendizagem ou procurar um trabalho.

Feito o anúncio, a madre esperou pela minha reação. Entrelacei as mãos sobre o colo, apertando-as com força. Era precisamente o que a irmã Thérèse me havia dito, era a notícia por que eu esperava. Sem sequer olhar para a carta que a abadessa segurava, qual prodígio vindo dos céus, disse:

— Não conheço nenhuma *Madame* Louise Costier. Deve estar mal-informada, madre.

Uma parte de mim refutava-a deliberadamente, embora soubesse que ninguém poderia enganar a abadessa. Outra parte tinha de ver para crer, pois não acreditava que tivesse familiares dispostos a receber-me. Onde tinham estado nos últimos sete anos?

— Podes acreditar que não estou. Talvez não saibas, mas os pais do teu pai ainda são vivos e vivem numa vila nos arredores de Moulins. Louise é a sua filha mais velha. Nesta carta ela assegura-me que, se soubesse que tu e as tuas irmãs aqui estavam, teria vindo visitar-vos.

Cravei as unhas nas costas das mãos. *Visitar?* Podia vir visitar-nos, mas não acolher-nos? Tinha razão, afinal de contas; não queria vê-la. No meu parecer, Louise Costier devia ser tão malévola como as minhas outras tias; mais uma alma desapiedada, farinha do mesmo saco.

A minha ira terá sido visível, pois a abadessa comentou:

— Vejo que continuas obstinada. Temo por ti, uma vez que, por natureza, nunca estás satisfeita. Apesar de tudo, a irmã Thérèse garante-me que Deus vê para além das minhas preocupações. — Continuava sem me entregar a carta e tive de me conter para não lha arrancar das mãos. — Prepara-te para partires. Informa a Julia da vossa boa fortuna, e eu que não saiba que lhe encheste a cabeça de dúvidas infundadas. Entendeste bem?

— Sim, madre.

Levantei-me, mas não sentia as pernas mexerem-se. Ao virar-me para a porta, estaquei, tomada pela enormidade do que ocorreria. Assim que os portões do convento se abrissem para me deixar sair, fechar-se-iam nas minhas costas para sempre, a menos que voltasse, suplicando para fazer os votos. No primeiro dia que atravessara os portões, o meu desejo era sair dali. Chegado o momento de o fazer, hesitava. E se fracassasse? Que me aconteceria, a mim, à Julia e à Antoinette? Uma agulha não era uma arma lá muito temível; não salvara por certo a minha mãe. Como poderia salvar-me a mim?

Arrisquei um olhar de relance por cima do ombro. Talvez pela primeira vez desde que atravessara a soleira da porta, a abadessa detetou o medo que eu mantinha acorrentado dentro de mim.

— E a Antoinette? — perguntei.

— Também irá para Saint Augustine quando a sua estada aqui terminar. — A madre superiora fez uma pausa. O seu tom tornou-se mais brando. — Não esqueças a minha advertência, Gabrielle: no coração de uma rapariga humilde não existe espaço para a ambição. Por vezes, é pelas coisas simples que mais devemos ansiar.

Deixei-a sentada à sua secretária, com a carta de uma tia que eu nunca conhecera ainda nas mãos.

V

Ela era o meu reflexo, uma imagem invertida do meu próprio ser — acaso tivesse sido mimada desde o nascimento —, desfrutando da sorte de ter não apenas dois progenitores, mas também uma ternurenta irmã mais velha com um marido carinhoso — a encarnação refinada e cortês do que uma rapariga devia ser.

O seu nome era Adrienne Chanel. Quis odiá-la assim que lhe pus a vista em cima.

Veio receber-nos à porta (deslizando até ela, dir-se-ia) no final da viagem de três dias que empreendêramos até Saint Augustine. Teria talvez reparado com desânimo em mais uma extensão de muros altos, noutra campanário e num conjunto de edifícios por trás de portões pesados, não tivesse ficado fascinada com a sua silhueta esguia e com os seus cabelos, tão negros como os meus. Comportou-se como se nos conhecêssemos desde sempre, cumprimentando-nos com um abraço e um beijo em cada face. Em resultado, fiquei a sentir o seu perfume de lavanda durante horas.

— Que bom que já chegaram — declarou ela.

Observei o rosto da Adrienne, de lábios perfeitos e pestanas espessas, tentando encontrar qualquer sinal de hesitação. Dificilmente a podia culpar por não ter ido em nosso socorro, tendo em conta que éramos da mesma idade. A Adrienne era uma criança quando a nossa mãe morrera. Contudo, dei por mim ansiando por encontrar motivos para implicar com ela.

— Agora estamos juntas, como uma família deve estar, e nunca mais teremos de nos afastar.

Percebi que a Julia estava completamente encantada pela Adrienne. Devia ter ficado aliviada, já que a minha irmã pouco mais fizera durante a viagem do que expressar dúvidas aterrorizadas acerca do nosso futuro, porém, uma vez mais, aquele insondável buraco na boca do estômago, que ainda não reconhecia como sendo inveja, tomou conta de mim.

Ainda que o tivesse reconhecido, mais depressa morderia a língua do que confessaria o meu pecado. Nunca invejara ninguém. Como seria possível que desejasse então ser como a minha graciosa tia?

Nas semanas que se seguiriam, não fui capaz de lhe escapar. Uma vez que tínhamos ambas 18 anos, fiquei no mesmo dormitório que a Adrienne e que, não tardei a descobrir, era onde dormiam as «raparigas necessitadas», ao passo que o dormitório exclusivo na ala oposta albergava as filhas de famílias respeitáveis, que pagavam para que elas fossem ali educadas. Era como estar em Aubazine de novo, com os mesmos ressentimentos e rivalidade; sabia que seria um alvo, pois era nova ali, obviamente pobre, zangada — numa só palavra, *diferente*.

A Adrienne desimpediu os obstáculos do meu caminho sem esforço aparente.

— Não lhes ligue — aconselhou ela, quando nos dirigimos à sala de aulas, com a Julia no nosso encaço.

As meninas ricas, com as suas toucas ridículas e faces rechonchudas, torciam os narizes e diziam:

— Cheira-me a castanhas assadas — aludindo ao nosso sangue camponês. Em Aubazine ter-me-ia lançado a elas. A Adrienne, porém, limitou-se a parar, contemplando-as, antes de dizer, num tom melodioso:

— Que *capote** tão deslumbrante trazes hoje, Angelique!

A destinatária do inesperado elogio corou, envergonhada com a sua própria crueldade, e murmurou:

* Toucado; chapéu de senhora. [N. do T.]

— Obrigada, Adrienne. Foi a tua irmã, a *Madame Costier*, que o fez.

— Não me digas? — A Adrienne sorriu. — É verdadeiramente encantador. E assenta-te na perfeição.

— Encantador? — indaguei, estupefacta, assim que nos afastámos delas. — Porque disseste aquilo? Aquele chapéu não lhe fica nada bem. A Angelique mais parece uma mula com uma cegonha morta na cabeça.

A Adrienne riu-se. Até as suas risadas eram sublimes e requintadas, mais um dos aspetos que nos diferenciava, apesar da estranha similaridade física que partilhávamos.

— Oh, Gabrielle, és tão engraçada. Ela tem de facto um ar ridículo, não tem? Mas nem sempre podemos dizer o que pensamos. Que mundo seria este se andássemos por aí a proclamar aos quatro ventos o que não nos agrada?

— Um mundo onde haveria chapéus mais bonitos? — resmunguei, apesar de ter de admitir que o argumento dela fazia sentido. A capacidade que a Adrienne revelava para conquistar até os mais obstinados era uma qualidade que não só me escapava, como também considerava perigosamente atraente.

À noite, depois de as portas do dormitório se fecharem e de as raparigas se juntarem às suas cliques, ela deslizava até à minha cama e enfiava-se entre os meus lençóis, ao meu lado.

— Conta-me uma história — sussurrou ela.

Incomodada com tamanha proximidade, respondi:

— Que te faz pensar que eu sei alguma história?

— Não sejas tímida. — Esticou o braço e puxou-me o nariz.

— A Julia já me disse que leste todos os livros que havia na biblioteca de Aubazine. Deves saber muitas histórias.

Com que então, a Julia fizera-lhe confidências. Não me surpreendia.

— Todas as histórias que conheço são acerca de mártires ou santos — revelei, recusando-me a morder o isco. — Tu de certeza que leste o mesmo que eu. Saint Augustine também tem uma biblioteca.

— Oh, eu só leio quando sou obrigada — confessou ela, e eu precipitei-me sobre tal admissão de ignorância com enorme prazer.

— Não lês?

— Não. — Reclinou-se sobre a almofada que dividíamos, o cabelo solto emoldurando-lhe o rosto. — Os livros não me cativam. Prefiro ouvir histórias; é muito mais emocionante. Posso escutar as personagens como se estivessem mesmo à minha frente, num palco.

O entusiasmo que sentira por ter descoberto uma falha nela desvaneceu-se.

— Não sei nenhuma história — teimeei, fitando-a pelo canto do olho, como fazia com as raparigas em Aubazine. — É verdade que a tia Louise faz chapéus? — perguntei, por fim.

— Não os faz propriamente — explicou a Adrienne. — Decora-os para costureiras, alfaíates e comerciantes de tecidos locais. Na época alta, recebe trabalho de Vichy, pois as lojas não têm pessoal suficiente para completar as encomendas a tempo. Alguma vez estiveste em Vichy? — indagou ela, e quando a fulminei com o olhar, deu-me uma cotovelada. — Não franzas tanto a testa. Ficas com rugas, e és tão bonita. Além disso, em breve visitarás Vichy. A Louise vai lá regularmente para entregar as suas encomendas e comprar avia-mentos. Costumo ir com ela. Vais adorar.

Mal ouvi a promessa de uma viagem a Vichy.

— Achas... Achas mesmo que sou bonita? — Odiei o tom desesperado que ouvi na minha voz e preparei-me para uma das respostas bruscas da Adrienne.

Em lugar disso, ela apoiou-se num dos cotovelos e observou-me.

— Acho. Tens umas feições delicadas e distintas, e és diferente de toda a gente.

— A Julia diz que me pareço contigo. Acha que parecemos mais irmãs do que eu e ela.

— A sério? — A Adrienne soava genuinamente surpreendida. — Bem, há de facto uma certa parecença entre nós, presumo. Não podia ser de outra maneira, não é? O teu pai é o meu irmão mais velho! É claro que parecemos irmãs. Temos os mesmos olhos escuros,

a pele morena e este cabelo cheio de volume. — Deu uma risada. — Mas isso é apenas por fora. Por dentro, julgo que devemos ser muito diferentes.

Mais uma vez, estava a descobrir que a personalidade da Adrienne possuía facetas inesperadas.

Tornou a recostar-se.

— Suponho que aches tudo isto terrivelmente provinciano.

Fiquei sem palavras. Ter-se-ia ela esquecido de que eu acabara de chegar de um convento no meio de nenhures?

— Que anseias por ser quando sairmos daqui? — quis ela saber. — Já só nos restam dois anos. Eu acho que devias tornar-te atriz. Ou talvez uma *grande cocotte*. Sim, condiria contigo! Podias ir à ópera com um colar de pérolas à volta do pescoço e subjugar filas de homens com um mero vislumbre dos teus olhos pretos e ousados.

Não pude deixar de rir. Foi mais forte do que eu. Tapando a boca com a mão, abanei a estreita cama com as minhas gargalhadas abafadas. Terminado o acesso de riso, ela continuava a olhar-me pacientemente.

— Não tenho qualquer desejo de ser... Como é que disseste?

— Uma *grande cocotte* — repetiu ela. — Uma cortesã.

— Isso. Não quero ser tal coisa, nem desejo subjugar homens. Creio bem que tu poderias fazê-lo na perfeição, por nós as duas.

— Oh, não. — Abanou a cabeça. — O meu único desejo é casar por amor.

Afinal de contas, ela tinha uma faceta menos sensata. Casar por amor era uma fantasia que apenas as mulheres ingénuas acalentavam; até eu sabia isso.

— Sempre sonhei em conhecer um homem que se apaixonará perdidamente por mim — continuou ela, não se apercebendo do meu tom sarcástico. — Alguém galanteador e bem-parecido, não necessariamente rico ou de nascimento nobre, se bem que até não fosse mal pensado, mas amável e atencioso, que deseje desposar-me por não suportar viver sem mim.

— Estou a ver — comentei, com frieza. — E este teu cavaleiro galante tem nome?

— Ainda não. — Virou-se para mim com um sorriso nos lábios. — Mas terá, não tenho dúvidas disso. Iremos conhecer-nos e...

— Ele subjugar-te-á — interrompi-a, mas ao ver a reação dela, acrescentei, num tom mais gentil: — Ou ao contrário. Ao fim e ao cabo, é a mesma coisa, acho eu.

Ela animou-se.

— E tu? Revelei-te o meu sonho. Agora tens de me contar o teu.

— Eu... Eu não tenho sonhos — respondi, hesitantemente. — Apenas sei que quero *fazer* uma coisa.

— Fazer? — estranhou ela, como se desconhecasse semelhante noção.

— Sim. Ser alguém. — Nunca antes ponderara essa ideia, nem me dera verdadeiramente conta de que ela se refugiava no meu peito. Acreditei também que a Adrienne se iria rir de mim, pois o meu sonho era ainda mais ridículo do que o dela. Era pobre e mulher. Trabalhar *para* alguém seria façanha suficiente, se chegasse sequer tão longe.

Contudo, ela olhou para mim como se considerasse a minha ideia plausível.

— E acredito que serás — afirmou ela, por fim. — Acho que conseguirás fazer tudo o que quiseres. Só precisas mesmo de uma oportunidade.

— E as oportunidades são como as histórias dos livros — respondi. — Basta escolher uma.

— Julgo que acabaste de o fazer. Queres ser alguém.

E com isso beijou-me no rosto e afastou os lençóis para regressar à sua cama.

A incrível história da menina abandonada que se transformou numa das mulheres mais poderosas do mundo.

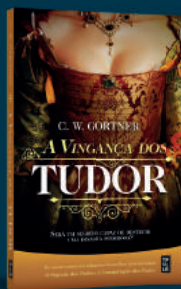
Gabrielle Chanel nasce no seio de uma família pobre. Aos 12 anos fica orfã de mãe e é abandonada pelo pai, sendo enviada com as irmãs para um orfanato, onde vive até à adolescência. É aí que Chanel começa a revelar as suas aptidões para a costura, que se transforma no seu sustento quando chega o momento de sair do orfanato.

No entanto, o trabalho de costureira torna-se insuficiente para sobreviver, e Chanel começa a atuar no La Rotonde — café pouco elegante frequentado por homens em busca de entretenimento ilícito —, onde fica conhecida por Coco. Aqui, conhece Étienne Balsan, o homem que lhe abrirá as portas da mais alta sociedade. A riqueza e o luxo, até então desconhecidos de Chanel, serão a chave para a sua criatividade, levando-a a abrir uma loja de chapéus. Aos poucos, Chanel alcança o reconhecimento necessário que lhe permitirá vingar no mundo da moda.

Contudo, a par da fama e do sucesso, Coco Chanel enfrenta inúmeros dissabores que contribuem para traçar o seu destino. E quando Paris é invadida pelos nazis, Chanel é forçada a fazer escolhas difíceis.

Um romance extraordinário e revelador sobre um dos ícones do mundo da moda, que conta como a ambição gerou uma das figuras mais influentes e controversas do século xx.

DO MESMO AUTOR:



TOPSELLER

os livros em primeiro lugar

20|20 editora

ISBN 978-989-8843-75-3



9 789898 843753

Romance Histórico